

VISÃO

OS DESAFIOS DA REPÚBLICA

por Mário Soares

A temática proposta para este artigo é sem dúvida interessante, sobretudo em termos de futuro. Mas parece-me um pouco ambígua, no contexto das Comemorações Nacionais do Centenário da República, que aliás têm sido um sucesso de consciencialização e dinamização popular, do País inteiro, das zonas mais humildes às cidades mais importantes. Porquê ambígua? Porque não foi dito a que República nos estamos a referir, nos últimos cem anos. Nem se estamos a pensar no conceito de República, em abstracto, e dos desafios que terá de enfrentar, em tempo de globalização e de crise

global, das grandes mudanças geoestratégicas do presente e do futuro próximo ou a médio prazo?

Começo pelos chamados cem anos da República. A Monarquia, agonizante, desde o ultimato inglês, acabou, como um fruto apodrecido, em 5 de Outubro de 1910. Foi nesse dia histórico, proclamada a República - a que hoje chamamos a I República - que enfrentou desafios tremendos.

Nasceu em Lisboa, praticamente sem resistência - a única exceção foi Paiva Couceiro - dado o republicanismo do Povo de Lisboa, com destaque para a Carbonária, e a decisão heróica de Machado dos Santos e alguns dos seus companheiros, quando os dois chefes da Revolução, um civil, médico ilustre, Miguel Bombarda, foi assassinado por um louco no Rilhafoles e o outro militar, o almirante Cândido Reis, que se suicidou, na madrugada de

4 para 5 de Outubro, por se ter convencido que o movimento revolucionário tinha fracassado...

Apesar disso tudo, graças à decisão dos populares, que desceram a Avenida da Liberdade aos gritos de viva a República e subverteram as tropas estacionadas nos Restauradores, comandadas por monárquicos, que desistiram de lutar. A República foi proclamada, da janela da Câmara Municipal de Lisboa, que era republicana, por José Relvas, um dos mais ilustres intelectuais da República.

A I República durou escassos dezasseis anos (1910-26) e teve que enfrentar inúmeros actos de violência, dois intervalos ditatoriais, Pimenta da Costa e Sidónio Pais, assassinados, o conflito com a Igreja - visto que o Estado deixou de ser confessional e tornou-se laico - tensões graves com os sindicatos, sobretudo quando em 1913, Afonso Costa foi ministro das Finanças e conseguiu

equilibrar as contas públicas, apertando o cinto aos trabalhadores e pior de tudo, quando o Governo resolveu participar na I Grande Guerra Mundial, junto dos Aliados, em 1916. Com o objectivo de defender essencialmente as nossas colónias.

Foram desafios difíceis de vencer, que debilitaram a República. Para tanto, contribuíram as divisões da família República em três partidos, que se digladiaram: o Partido Democrático, liderado por Afonso Costa; o Partido Evolucionista, de António José d'Almeida; e o Partido Unionista (o mais à direita do espectro republicano), de Brito Camacho.

Depois da I Grande Guerra, os dirigentes da República não tiveram a estatura política dos anteriores. Foi chamada a Nova República Velha. Apesar de ter havido grandes intelectuais e políticos, como o grupo da biblioteca Nacional, liderado por Jaime Cortesão e Raul

Proença, um certo renovo do ideal Republicano, que partiu da revista Seara Nova e alguns políticos de grande gabarito, como: Álvaro de Castro, Pestana Júnior, Domingos Pereira e grandes Presidentes da República, como: Bernardino Machado, António José d'Almeida e Manuel Teixeira Gomes.

A crise económica, negociatas pouco transparentes e o chamado escândalo de Angola e Metrópole descredibilizariam a República e facilitaram a conspiração militar, chefiada por Gomes da Costa, o qual entrou em Lisboa sem resistência, encerrou o Parlamento, instalou a polícia política e a censura. Foi o golpe militar anti-republicano de 28 de Maio de 1926, que pôs fim à I República. A partir dessa data, Portugal entrou em ditaduras sucessivas, mantendo a simbologia republicana (hino, bandeira, o nome da República). Mas foi, durante 48 anos, sempre ditadura, isto é: o contrário da República, que é Democracia, respeito pelos Direitos Humanos,

eleições livres e sérias, liberdade de opinião, igualdade perante a Lei, fraternidade.

Nos 48 anos de ditadura houve quatro designações diferentes: Ditadura Militar, Ditadura Nacional, Estado Novo (no tempo já de Salazar, como primeiro ministro, nomeado pelo General Carmona), com a Constituição de 1933 (plebiscitada, em que as abstenções contaram como votos a favor) e, finalmente, no tempo de Marcelo Caetano, Estado Social e Corporativo. Contudo, os portugueses sofreram sempre ditaduras ferozes, com prisões arbitrárias e por delito de opinião, dos republicanos, anarquistas, comunistas e socialistas. No tempo da Guerra de Espanha e na primeira fase da II Grande Guerra, houve um desvio fascistóide acentuado. Quando Salazar fazia a saudação fascista e obrigava os jovens, a gritarem: "Quem manda?" Resposta: "Salazar, Salazar, Salazar!"

As diversas ditaduras puderam subsistir em função da evolução dramática da política europeia. E depois do fim da guerra, com o começo da guerra fria e o medo dos Aliados em relação a regimes comunistas.

A Revolução dos Cravos, caracterizou-se por ser pacífica e sem efusão de sangue. O sistema ditatorial caiu de podre, mais uma vez sem efusão de sangue. Perante a euforia espantosa do Povo. Resultou do desastre das guerras coloniais e os objectivos proclamados, pelo MFA, foram e bem: "descolonização, democratização e desenvolvimento". Foram todos cumpridos.

Passaram 36 anos desde o 25 de Abril de 1974. Foi o período mais longo de paz que viveu Portugal. Sem violências, sem revoluções, sem prisões, nem assassinatos políticos. Em liberdade total, com um desenvolvimento da população, sem paralelo. Portugal entrou, na CEE, como membro de pleno direito, hoje União

Europeia. Aderiu à zona euro e ao espaço Schengen, aboliu as fronteiras, recuperou o prestígio internacional, criou a CPLP. A lusofonia é hoje um espaço cultural e político enorme e a língua portuguesa é a quinta mais falada no Mundo. Portugal tem uma zona económica exclusiva, no Oceano Atlântico, que é das maiores da Europa, com riquezas inesgotáveis, que as nossas Universidades, pela primeira vez, começaram a estudar a sério. E tem, como nunca, elites científicas, tecnológicas, artísticas, literárias, empresariais e até desportistas.

Estamos a viver uma crise global, que não sabemos até onde irá e como dela sair. Economistas da nossa praça, todos os dias procuram convencer os nossos compatriotas, que Portugal é um País em decadência, sem remédio. Não partilho esse derrotismo, que contagia alguns dos nossos compatriotas. Uma das ideias força da I República foi restituir-nos o orgulho de sermos portugueses e sabermos enfrentar, com coragem e bom

senso, os desafios que temos a vencer. Atrás de tempo, tempo vem. Precisamos de ter confiança em nós próprios e de ter a coragem de vencer as dificuldades, tal como são. Sem pessimismo nem optimismo: com determinação. Pertencemos, hoje, ao primeiro Mundo e abrem-se-nos grandes oportunidades. O importante é que as saibamos aproveitar.

Lisboa, 30 de Setembro de 2010